

Objectos arqueológicos dum túmulo de incineração da necrópole proto-histórica da Herdade da Favela Nova (Ourique)

Maria Manuela Alves Dias *

Luís Coelho **

Resumo

Este texto estuda o espólio duma sepultura de incineração (com *tumulus*) de uma necrópole da I Idade do Ferro, na Favela Nova (concelho de Ourique, Baixo Alentejo).

De notar um anel de escaravelho em bronze, um anel em prata e contas de pedra, vidro, prata e âmbar — apresentando este conjunto uma homogeneidade cultural, cuja relação cronologia-tipologia serve de base a considerações críticas sobre algumas interpretações da colonização púnica do Mediterrâneo ibérico, entre os séculos VII e V a.C.

Résumé

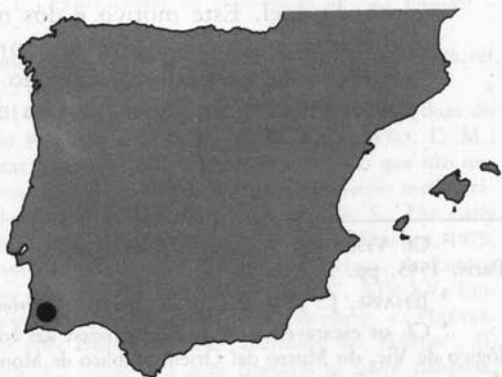
Dans cet article, les AA. étudient le mobilier funéraire d'une sépulture d'incinération (avec tumulus) d'une nécropole du 1er Âge du Fer du SW Péninsulaire portugais, à Favela Nova, concelho d'Ourique, Baixo Alentejo.

On remarque un anneau de scarbée en bronze, une bague en argent et des perles de pierre, de verre, d'argent et d'ambre — tout cet ensemble présente une homogénéité culturelle dont le rapport chronologie-typologie est le support des considérations critiques sur quelques interprétations de la colonisation punique de la Méditerranée ibérique vers le VIIe/Ve siècle avant J.-C.

* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

** Secretaria de Estado da Cultura.

Estas notas ocupam-se do estudo de algum material de superfície da necrópole da I Idade do Ferro da herdade da Favela Nova, freguesia e concelho de Ourique; no caso, trata-se de objectos arqueológicos que se encontraram no exterior dum túmulo de incineração e que se admite constituírem parte do espólio do mesmo ¹.



Localização da Herdade da Favela Nova na península Ibérica.

No desenho que se publica, ilustram-se nove dos onze objectos que se recolheram na superfície do túmulo onde, juntos como estavam, ocupavam uma pequeníssima área, cerca de 280 cm².

¹ A Necrópole da Herdade da Favela Nova pertence à grande “família das necrópoles da I Idade do Ferro do Baixo Alentejo e Algarve”, como a da Herdade do Pego noticiada em DIAS, M. M. A.; BEIRÃO, C. M.; COELHO, L., *Dois Necrópoles da Idade do Ferro no Baixo-Alentejo — Ourique*, “O Arqueólogo Português”, III Série, IV, Lisboa, 1970, pp. 175-219. Sobre objectos arqueológicos encontrados no exterior dos túmulos ver DIAS, M. M. A.; BEIRÃO, C. M.; COELHO, L., *op. cit.*, p. 184. Os materiais arqueológicos da Necrópole da Herdade da Favela Nova, agora noticiados no presente artigo, foram depositados temporariamente no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia para a exposição “A Idade do Ferro no Sul de Portugal — Epigrafia e Cultura” e em cujo roteiro aparecem os n.ºs 323, 324, 325 e 326.

1. Selo em forma de escaravelho com anel de suspensão. — Selo e anel de suspensão em bronze maciço, fracturado e com perda de parte do anel devido a corrosão muito pronunciada que se evidencia sobretudo na parte mais espessa do anel; o diâmetro interno é de 35 mm e o diâmetro externo, com o selo, seria de cerca de 60 mm; o diâmetro da secção máxima do anel, portanto da sua maior espessura, oscila pelos 8 mm e o selo em forma de escaravelho apresenta as seguintes dimensões: 17 mm × 8 mm × 5,5 mm; actualmente o seu peso é de 20 717,5 mg. O selo em forma de escaravelho figura este dum modo muito sumário no tipo VI da classificação de Percy Newberry (“prototórax e élitros marcados, com um V sobre cada asa”) ²; o aspecto fruste da representação do escaravelho não se deve associar ao material “pobre”, bronze, em que foi feito pois que o mesmo ocorre, *v.g.*, com um anel, de ouro bem cinzelado e ónix, pertencente ao espólio da câmara da Necrópole de Aléria ³; quanto à gravação do selo, parece-nos que se trata duma recuperação grosseira das representações geométrizadas do período hico ⁴.
2. Anel de prata. — Anel de prata pouco oxidado, com engaste perdido (?), cujo diâmetro interno é de 17 mm e o diâmetro externo de 23 mm, o espelho de engaste tem 5 mm de raio e apoia-se em quatro (2.2) volutas espiraladas que terminam as duas extremidades do aro do anel. Este motivo é dos mais conhecidos da ourivesaria proto-histórica do Mediterrâneo oriental ⁵. O seu peso actual é de 7849,4 mg, pois foi consolidado e protegido com nylon solúvel ⁶, o peso anterior ao tratamento era de 7760 mg.

² Cf. VERCOUTTER, J., *Les objets égyptiens et égyptisants du mobilier funéraire carthaginois*, Paris, 1945, pp. 50 e 71-74.

³ JEHASSE, J.; JEHASSE, L., *La nécropole préromaine d'Aléria*, Paris, 1973; p. 304, pl. 161.

⁴ Cf. os escaravinhos, e os escarabóides, das colecções egípcias e orientais do Museo Arqueológico de Vic, do Museo del Oriente Bíblico de Monserrat e do Museo Arqueológico de Barcelona. A primeira referência bibliográfica feita a este escaravelho da Necrópole da Herdade da Favela Nova encontra-se em COELHO, L. *Epigrafia Prelatina del SO Peninsular Português — Algunos problemas arqueológicos y epigráfico-lingüísticos*, “Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Preromanas de la Península Ibérica”, Salamanca, 1976, pp. 201-212 (p. 210).

⁵ Cf. as cabeças dos alfinetes de ouro de Alaca, MAXWELL - HYSLOP, K. R., *Western Asiatic Jewellery, c. 3000-2612 b.C.*, London, 1971, pp. 42-43; no período micénico, *v.* os brincos do túmulo III de Micenas, e para o século VIII o pendente de Vulci, Mónaco, BECATI, G., *Oreficerie Antiche dalle Minoiche alle Barbariche*, Roma, 1955, pp. 25, 71 e, especialmente, 178. Estes elementos espiralados são conhecidos na Europa central desde o Bronze Final; encontram a sua maior representação na Idade do Ferro de Europa Mediterrânica em Castillone dei Paludi e Torano, *cf.* GENIÈRE, J. de la, *L'Âge du Fer en Italie Méridionale — Sala Consilina*, Napoli, 1968; na península Ibérica têm-os, ainda tardiamente, *v.g.*, no espólio do túmulo 9 da Necrópole de Alpanseque, *v.* CABRÉ DE MORÁN, E.; MORÁN CABRÉ, J., *Dos tumbas datables de la Necrópolis de Alpanseque (Soria)*, “Archivo de Prehistoria Levantina” XIV, Valencia, 1975, pp. 123-137.

⁶ Tratamento feito no laboratório do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia pela Dr.^a D. Teresa Martins de Matos, a quem agradecemos.

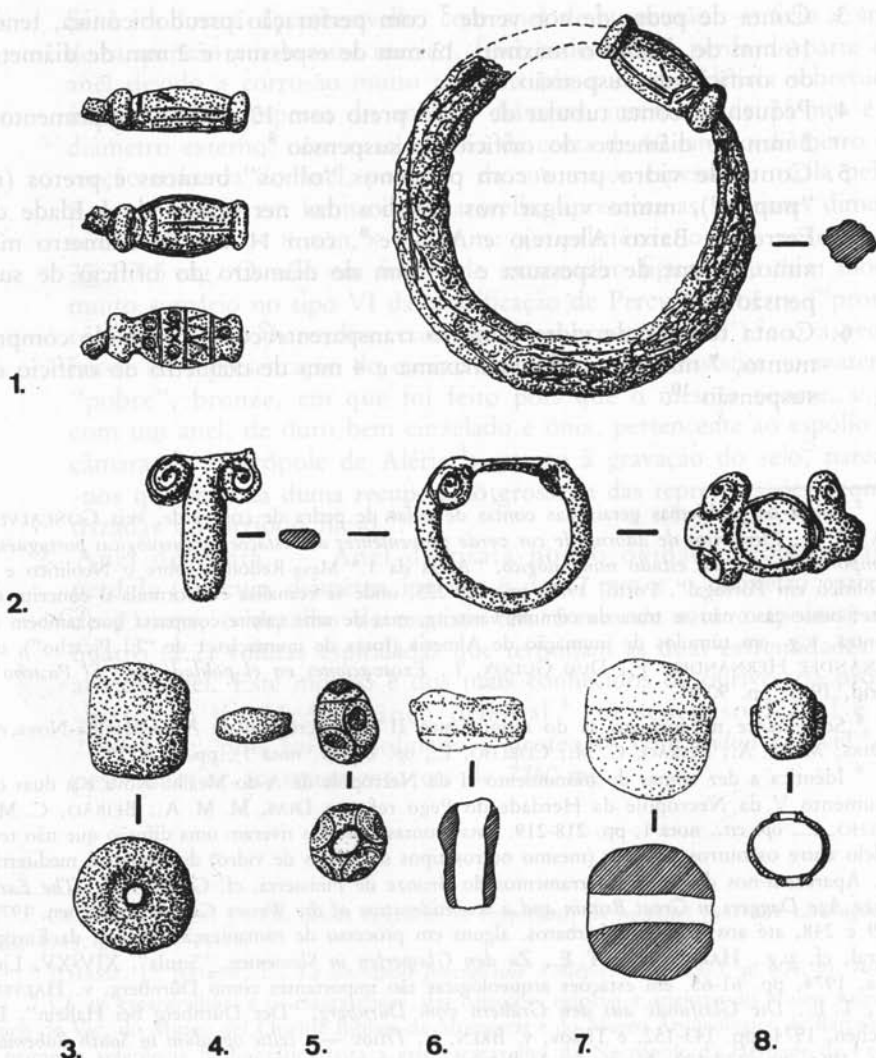
3. Conta de pedra de cor verde ⁷ com perfuração pseudobicónica, tendo 16 mm de diâmetro máximo, 13 mm de espessura e 2 mm de diâmetro do orifício de suspensão.
4. Pequena conta tubular de vidro preto com 10 mm de comprimento e 2 mm de diâmetro do orifício de suspensão ⁸.
5. Conta de vidro preto com pequenos “olhos” brancos e pretos (na “pupila”), muito vulgar nos espólios das necrópoles da I Idade do Ferro do Baixo Alentejo e Algarve ⁹, com 11 mm de diâmetro máximo, 8 mm de espessura e 3,5 mm de diâmetro do orifício de suspensão.
6. Conta tubular de vidro amarelo transparente com 15 mm de comprimento, 7 mm de espessura máxima e 4 mm de diâmetro do orifício de suspensão ¹⁰.

⁷ Sobre os problemas gerais das contas de colar de pedra de cor verde, veja GONÇALVES, A. A. H. B., *Elementos de adorno de cor verde provenientes das estações arqueológicas portuguesas — importância do seu estudo mineralógico*, “Actas da 1.ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal”, Porto, 1979, pp. 209-225, onde se reanalisa e reformula o conceito de calaíte; neste caso não se trata da comum variscite, mas de uma calcite compacta que também se encontra, v.g. em túmulos de inumação de Almeria (fossa de inumação 1 de “El Picacho”), cf. HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F., DUG GUDOY, I., *Excavaciones en el poblado de “El Picacho”*, Madrid, 1975, pp. 90-91.

⁸ Semelhante no formato às do monumento II da Necrópole de A-do-Mealha-Nova, ref. em DIAS, M. M. A.; BEIRÃO, C. M.; COELHO, L., *op. cit.* (v. nota 1), pp. 218-219.

⁹ Idêntica a dez contas do monumento II da Necrópole de A-do-Mealha-Nova e a duas do monumento V da Necrópole da Herdade do Pego ref. em DIAS, M. M. A.; BEIRÃO, C. M.; COELHO, L., *op. cit.*, nota 1, pp. 218-219. Estas contas oculadas tiveram uma difusão que não tem paralelo entre os outros objectos (mesmo outros tipos de contas de vidro) do comércio mediterrânico. Aparecem-nos desde os enterramentos do Bronze de Finisterra, cf. GERLOFF, S., *The Early Bronze Age Daggers in Great Britain and a reconsideration of the Wessex Culture*, München, 1975, pp. 9 e 248, até aos conjuntos bárbaros, alguns em processo de romanização intensa, da Europa Central, cf. v.g., HAEVERNICK, T. E., *Zu den Glasperlen in Slowenien*, “Situla”, XIV-XV, Ljubljana, 1974, pp. 61-65, em estações arqueológicas tão importantes como Dürnberg, v. HAEVERNICK, T. E., *Die Glasfunde aus den Gräbern vom Dürnberg*, “Der Dürnberg bei Hallein”, II, München, 1974, pp. 143-152, e Trisov, v. BREN, J., *Trisov — a celtic oppidum in South Bohemia*, Praha, 1966, pp. 132-133. Na península Ibérica encontram-se particularmente no Sudoeste português, cf. VEIGA, S. P. M. E. da, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, IV, Lisboa, 1891, pp. 239-sgs.; COSTA, J. M. da, *O Tesouro Fenício ou Cartaginês do Gaio (Sines)*, “Ethnos”, V, Lisboa, 1966, pp. 529-537, GARCIA Y BELLIDO, A., *Algunas novedades sobre la Arqueología Púnico-Tartessia*, “Archivo Español de Arqueología” XLIII, Madrid, 1970, pp. 27-28 e DIAS, M. M. A.; BEIRÃO, C. M.; COELHO, L., *op. cit.* (v. nota 1), pp. 217-219, mas também em estações “coloniais” de nome conhecido dos autores clássicos como Abdera, cf. FERNÁNDEZ-MIRANDA FERNÁNDEZ, M.; CABALLERO ZOREDA, L., *Abdera — Excavaciones en el cerro de Montecristo (Adra, Almería)*, Madrid, 1975, p. 257. A importância do motivo oculado como elemento decorativo, simbólico e mágico (?) poderá tentar-se documentar com a aplicação destas contas de vidro oculadas na cabeça de alfinetes de toucado do espólio das necrópoles com túmulos de incineração da região de Bolonha, cf. CARANCINI, G. L., *Gli spilloni nell'Italia continentale*, München, 1975, pp. 342-346.

¹⁰ Quase idêntica — ressalva-se o estrangulamento mediano — às do monumento II da Necrópole de A-do-Mealha-Nova ref. em DIAS, M. M. A.; BEIRÃO, C. M.; COELHO, L., *op. cit.* (v. nota 1), pp. 218-219.

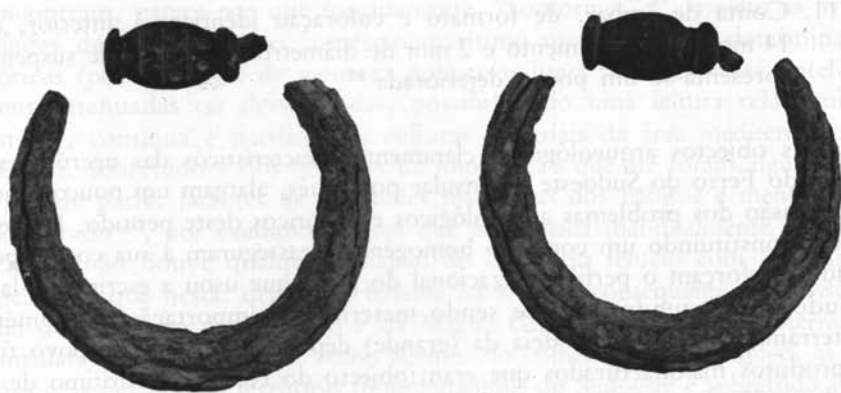


Objectos arqueológicos dum túmulo de incineração da Herdade Favela Nova, Ourique. Esc. 1 : 1.

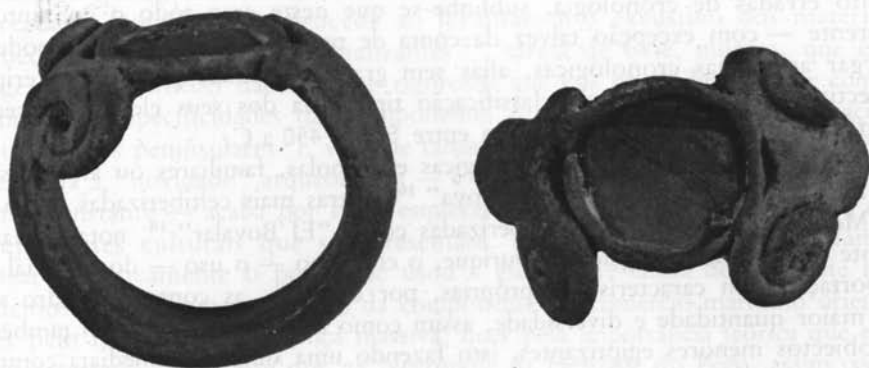
7. Grande conta esférica de vidro transparente tornado translúcido por abrasão na superfície externa com 18 mm de diâmetro e 4,5 mm de diâmetro do orifício de suspensão ¹¹.
8. Conta esférica de prata, como campânula, em que a esfericidade foi obtida pelo encaixe de duas semiesferas ocas ¹²; mede 11 mm de diâ-

¹¹ Embora raras, estas contas encontramos-as na península Ibérica na zona mediterrânica sobretudo com forma tubular, cf. v.g., FIGUERAS PACHECO, F., *La Necrópolis Ibero-Púnica de la Albufereta de Alicante*, Valencia, 1956, pp. 139-140.

¹² Uma descrição pormenorizada destas contas foi feita por DIAS, M. M. A.; BEIRÃO, C. M.; COELHO, L., *op. cit.* (v. nota 1), p. 181.



Favela Nova, anel de bronze.



Favela Nova, anel de prata.

metro máximo externo e 9 mm de diâmetro interno; os orifícios de suspensão têm 2 mm de diâmetro ¹³.

9. Conta esférica de prata, idêntica à anterior.
10. Conta de âmbar, vermelho-negro, achatada em forma de pastilha, com 16 mm de comprimento e 2 mm de diâmetro do orifício de suspensão ¹⁴.

¹³ O protótipo destas contas de prata parece encontrar-se nas contas de ouro de Ajjul, Gaza, cf. MAXWELL-HYSLOP, K. R., *op. cit.* (v. nota 5) pp. 125-126. Na Península Ibérica temo-las, ainda em ouro, na Herdade do Gaio, Sines, cf. COSTA, J. M. da, *op. cit.* (v. nota 9), p. 531 e GARCÍA Y BELLIDO, A., *op. cit.* (v. nota 9), p. 28, e em Villaricos, cf. ASTRUC, M., *La Necrópolis de Villaricos*, Madrid, 1951, pp. 59 e 74-75; em prata, no monumento I da Necrópole de A-do-Mealha-Nova, ref. em DIAS, M. M. A.; BEIRÃO, C. M.; COELHO, L., *op. cit.* (v. nota 1), p. 181.

¹⁴ Praticamente idêntica a uma outra encontrada no monumento I da Necrópole de A-do-Mealha-Nova, cf. DIAS, M. M. A.; BEIRÃO, C. M.; COELHO, L., *op. cit.* (v. nota 1), pp. 182 e 200.

11. Conta de âmbar, de formato e coloração idênticas à anterior, com 14 mm de comprimento e 2 mm de diâmetro do orifício de suspensão, apresenta-se um pouco deteriorada ¹⁵.

Estes objectos arqueológicos, claramente característicos das necrópoles da I Idade do Ferro do Sudoeste peninsular português, alargam um pouco a nossa compreensão dos problemas arqueológicos e históricos deste período. Primeiro, porque, constituindo um conjunto homogêneo, reasseguram a sua contemporaneidade e reforçam o perfil civilizacional do povo que usou a escrita pré-latina do Sudoeste. Segundo, porque sendo materiais de importação do comércio mediterrânico, acentuam a ideia da (grande) dependência que esse povo tinha dos produtos manufacturados que eram objecto do comércio marítimo de então; dependência que ainda não podemos avaliar se partia duma necessidade real de circulação ou se era imposta. Terceiro, dada a falta de datações por métodos físicos, a coerência interna do conjunto impede hipóteses falíveis ou muito erradas de cronologia, sublinhe-se que neste caso todo o conjunto é coerente — com excepção talvez da conta de pedra de cor verde que poderia alargar as balizas cronológicas, aliás sem grande utilidade para uma aferição objectiva, precisa — e, pela classificação tipológica dos seus elementos, recomenda com segurança uma datação entre 550 e 450 a.C.

Em relação a estações arqueológicas espanholas, familiares ou afins destas do Sudoeste português como “La Joya” ¹⁶, outras mais celtiberizadas como as de Medellín ¹⁷ ou outras mais iberizadas como “El Bovalar” ¹⁸, nota-se claramente que, aqui, na região de Ourique, o consumo — o uso — do material de importação tem características próprias, por exemplo, as contas de vidro são em maior quantidade e diversidade, assim como as de âmbar e, assim também, os objectos menores egíptizantes, isto fazendo uma simples e imediata comparação: é esta uma diferença que se deve assinalar. Ora a moderna investigação espanhola analisa geralmente os problemas da influência comercial mediterrânica duma forma global, oferecendo um compacto cronológico em que as datações

¹⁵ O uso destas contas de âmbar, como de forma geral o de todos os elementos de adorno de âmbar, procedentes do Mediterrâneo oriental, são integradas rapidamente na cultura material dos povos da Europa oriental, desde tempos neolíticos, cf. GIMBUTAS, M., *Mesolithic, Neolithic and Copper Age Culture in Russia and the Baltic area*, (The Prehistory of Eastern Europe, I), Cambridge, Mass., 1956, pp. 138-139. Em períodos mais recentes, a sua dispersão atingirá zonas até de fracos contactos comerciais com o Mediterrâneo ou com o mar do Norte, v.g., a região do Jura, cf., VUAILLAT, D., *La Néropole Tumulaire de Chaveria (Jura)*, Paris 1977, pp. 79-83.

¹⁶ GARRIDO ROIZ, J. P., *Excavaciones en la Necrópolis de “La Joya”, Huelva (1.ª y 2.ª Campañas)*, Madrid, 1970, e GARRIDO ROIZ, J. P.; ORTA GARCIA, E. M., *Excavaciones en la Necrópolis de “La Joya”, (3.ª, 4.ª y 5.ª Campañas)*, II, Madrid, 1978.

¹⁷ ALMAGRO GORBEA, M., *El Bronce Final y el Periodo Orientalizante en Extremadura*, Madrid, 1977, pp. 287-481.

¹⁸ ESTEVE GALVEZ, F., *La Necrópolis Ibérica de el Bovalar (Benicarló, Castellón de la Plana)*, “Archivo de Prehistoria Levantina” XI, Valencia, 1966, pp. 125-148.

se encontram, parece-nos que forçadamente, “conformes”¹⁹; mesmo as irregularidades de frequência do comércio marítimo motivadas por determinantes históricas (por exemplo, de natureza político-militar) são, por vezes, inteligentemente atenuadas ou desvaloradas, possibilitando uma leitura relativamente constante, contínua e pacífica das culturas materiais da área mediterrânica da Península, sobretudo a dos objectos de importação que até foram alguns deles, em grande parte, factores de alterações profundas dos hábitos e mentalidades; E. Cuadrado²⁰, por exemplo, sugere que *post Alalia* (habitualmente datada de 535 a.C.) não houve qualquer colapso do comércio fenício com a Península Ibérica pois que nesta, depois da batalha naval e do conseqüente progresso em flecha do comércio grego, ático e da Magna Grécia, nas costas mediterrânicas peninsulares, ficaram activos, como agentes do comércio fénico-púnico, as fundações e as cidades do território (hoje espanhol) do Sudoeste e sobretudo Ibiza, espécie de plataforma marítima de redistribuição, dirigida principalmente para as zonas meridional e levantina, tese que explicaria, mais tarde, o “eclodir” das culturas materiais ibéricas numa forma bem diferente daquela que se verificou. É verdade que ainda se procede ao levantamento exaustivo dos materiais arqueológicos orientais e orientalizantes²¹, tarefa de base, morosa, que está longe de nos fornecer dados muito rigorosos que nos possibilitem seriar comodamente as especificidades das componentes orientais e indígenas das estações arqueológicas peninsulares. É verdade também que, monograficamente, o relevo que se dá à “novidade” arqueológica — e esta é uma área de investigação onde isso é constante — acaba por fazer esquecer a tarefa do estudo comparado das componentes culturais que se apresentam. Contudo, sempre que tentamos pensar historicamente o povo que usou a escrita pré-latina do Sudoeste não podemos “adiar” uma valoração da componente do comércio marítimo oriental quer pelo facto da sua presença massiva, quer pela importância teórica que esse facto arrasta²². Repare-se que na Necrópole da Herdade do Pego, assim como na Necrópole de A-do-Mealha-Nova, registou-se o aparecimento, à superfície, de grande quantidade de material cerâmico de tradição peninsular do Bronze Final do Sudoeste que parece não ter sofrido qualquer contaminação, morfoló-

¹⁹ Repare-se na associação de contemporaneidade sugerida para Vinarragell, Toscanos e Guadalhorce por ARTEAGA, O., *La panorámica proto-histórica peninsular y el estado actual de su conocimiento en el Levante Septentrional (Castellón de la Plana)*, “Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense”, 3, Castellón de la Plana, 1976, pp. 190-191 e, por exemplo, nas associações que se fazem quando se analisa a difusão peninsular dos objectos orientalizantes para regiões (quase) remotas da Celtibéria, tal como a aventada para a região de Alava, cf. PALOL, P. de, *Alava y la Meseta Superior durante el Bronce Final y Primer Hierro*, “Estudios de Arqueología Alavesa”, VI, Vitoria, 1974, pp. 91-100, especialmente pp. 97-98.

²⁰ Cf. CUADRADO, E.; *Penetración de las influencias colonizadoras greco-fenicias en el interior peninsular*, “Simposio de Colonizaciones”, Barcelona - Ampurias, 1971, pp. 93-104, especialmente pp. 99-100.

²¹ Desde BLÁZQUEZ, J. M., *Tartessos y los Orígenes de la Colonización Fenicia en Occidente*, Salamanca, 1968.

²² RENFREW, C., *Trade and Culture Process in European Prehistory*, “Problems in European Prehistory”, Edinburg, 1979, pp. 22-42 (texto de 1969).

gica ou estilística, por parte do material cerâmico proveniente do comércio marítimo que encontramos no interior dos túmulos das mesmas necrópoles; talvez que o material cerâmico “oriental” fosse considerado, então, como mais “nobre” e por isso colocado no interior dos túmulos, ficando o material cerâmico de tradição indígena destinado apenas às oferendas do culto funerário no exterior das tumulações; também nesta Necrópole da Herdade da Favela Nova, durante os trabalhos preliminares de limpeza superficial (= levantamento duma estreita camada de terra vegetal com 5 cm de potência), se encontrou alguma cerâmica de tradição peninsular do Bronze Final do Sudoeste, evidenciando um contraste forte com o espólio tumular. Aliás o lento desenvolvimento das tradições cerâmicas é sempre, seguramente, uma garantia de aferição das continuidades duma cultura material em relação aos elementos de importação ou de colonização que integram essa cultura material²³. De certa maneira, trata-se de avaliar a “resistência” a uma cultura material que se impôs massivamente no Sudoeste peninsular.

²³ Cf. SCHÜLE, W., *Tartessos y el hinterland*, “Tartessos y sus problemas”, Barcelona, 1969, pp. 15-32, especialmente pp. 29-31.